
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ADRIELLE GERALDINI DOS SANTOS

**CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA
NA EDUCAÇÃO INFANTIL.**



Rio Claro
2018

ADRIELLE GERALDINI DOS SANTOS

CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL NO
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Orientadora: Prof^a Dra. Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo

Co-orientadora: Prof^a Dra. Carolina Gonçalves Souza

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de
licenciada em Pedagogia.

Rio Claro
2018

S237c Santos, Adrielle Geraldini dos
Contribuições da literatura infantil no desenvolvimento da criança
na educação infantil / Adrielle Geraldini dos Santos. -- Rio Claro,
2018
47 f.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) -
Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio
Claro
Orientadora: Maria Rosa R. M. De Camargo
Coorientadora: Carolina G. Souza

1. Literatura Infantil. 2. Educação Infantil. 3. Ruth Rocha. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de
Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Dedico este trabalho a minha amada avó Maria (In memoriam), que adorava contar histórias e sempre me apoiou durante todos os momentos da minha vida, batalhando ao meu lado até sua partida. Viver é uma dádiva. Mesmo que pessoas importantes não estejam presentes, suas memórias sempre permanecerão.

- Não sei o que está havendo com a formação dos professores hoje, mas com toda certeza [...] eles não tiveram seu entusiasmo pela literatura despertado e, sem isso, não estão preparados para transmitir aos jovens o que eles mesmos não têm. Não acredito que ninguém ensine outra pessoa a ler literatura. Pelo contrário, estou convencida, isso sim, de que o que uma pessoa passa para outra é a revelação de um segredo – o amor pela literatura. Mais uma contaminação do que um ensino.

Ana Maria Machado

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer todos os obstáculos, apesar das constantes dificuldades enfrentadas nesses quatro anos de percurso.

Aos meus pais e minha irmã, pela dedicação, paciência e incentivo nessa fase do meu curso de graduação e durante toda minha vida.

Aos meus amigos docentes pelos incentivos, trocas de experiências e conselhos em relação às práticas pedagógicas.

Aos professores da universidade que me possibilitaram uma formação mais humanizada, com um olhar sensível sob cada indivíduo que passou por mim.

A cada criança que me possibilitou participar do seu mágico universo infantil.

Às minhas amigas da faculdade, Sandra, Giovana e Jessica que compartilharam comigo todos os momentos da vida universitária, dividindo sentimentos, lágrimas, sorrisos, nervosismo, tornando a caminhada mais leve.

Ao meu companheiro Alan, pela paciência, compreensão e por sempre me acalmar nos momentos difíceis.

À querida professora Maria Rosa pela orientação e à co-orientadora professora Carolina pela atenção, dedicação e pelo acolhimento ao tema almejado e de toda relação estabelecida respeitando minhas dificuldades.

Leitura, antes de mais nada é estímulo, é exemplo.

Ruth Rocha

RESUMO

O presente trabalho tem como proposta abordar a importância da literatura infantil no processo de desenvolvimento cognitivo da criança, já nos primeiros anos de vida. A literatura infantil é um instrumento relevante desde a educação infantil, pois ela abre portas para o universo da imaginação, estimulando a criança desde cedo a criar o hábito pela leitura prazerosa, ampliando seus saberes de forma significativa e o papel do professor como modelo é fundamental. O objetivo dessa pesquisa é apresentar um breve histórico da literatura infantil e refletir acerca das contribuições da literatura no desenvolvimento do processo educativo da criança, na educação infantil. Como espaço de formação navega, também, pela vida e obras da renomada autora de literatura infantil brasileira, Ruth Rocha, propondo uma aventura da leitura para a professora em formação. Quanto à metodologia utilizada é de natureza qualitativa, sendo desenvolvida por meio de pesquisa bibliográfica exploratória, utilizando a base de dados da SciELO e também periódicos de duas revistas, foi possível notar a escassez de artigos relacionados a essa grande autora da literatura infantil brasileira. Contudo através do trabalho desenvolvido, foi possível concluir que a literatura infantil é um processo relevante no desenvolvimento da criança, trazendo inúmeras contribuições cognitivas para os indivíduos dessa faixa etária.

Palavras-chave: Literatura Infantil; Desenvolvimento da Criança; Educação Infantil; Ruth Rocha.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1: INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL	11
1.1 Conceção de Infância.....	11
1.2 Conceção de Educação Infantil.....	13
CAPÍTULO 2: LITERATURA INFANTIL.....	15
2.1 Ideias acerca da Literatura Infantil.....	15
2.2 Literatura Infantil Brasileira	16
CAPÍTULO 3: LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	18
CAPÍTULO 4 - DA ESCOLHA DE UM AUTOR.....	22
4.1– A vida da Autora	23
4.2 Quadro de Informações das Obras Seleccionadas	27
4.3 Um Passeio Por Alguns Textos Literários.....	27
CAPÍTULO 5 - OUTRO PASSEIO: CAMINHANDO POR ENTRE BASES DE DADOS	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS.....	45

INTRODUÇÃO

Quando uma criança é inserida no contexto escolar, na educação infantil, a instituição preocupa-se em formar um sujeito responsável, crítico e que atue futuramente na sociedade. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil destaca-se:

Art. 4º As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2009, p. 1).

Como descrito acima, nas diretrizes curriculares para a educação infantil, a criança constrói sua identidade por meio de interações sociais; no contexto escolar fica nítido que o educador é responsável pelo processo educacional de uma criança e deve proporcionar a ela, diversos meios para que essa criança se desenvolva integralmente. E a literatura infantil é um material relevante para esse desenvolvimento, pois é fundamental para aquisição de novos saberes, informações, interação, formação de sensibilidades, imaginação, além de ajudar no desenvolvimento social, emocional e cognitivo do indivíduo já nos primeiros anos de vida.

Contudo quando falamos em educação infantil, a maioria das pessoas tem uma visão muito limitada, atrelam mais ao cuidado do que com as práticas pedagógicas, pensando muitas vezes que o livro não é necessário nessa faixa etária, já que a criança não consegue decodificar os códigos escritos presentes no livro.

Mesmo se a criança não souber ler, não é um empecilho para ficar restrita aos livros, ao contrário, é de grande importância o estímulo da leitura na vida da criança, desde pequena, para despertar a afeição pelos livros. Como afirma Silva (1992, p.57) “bons livros poderão ser presentes e grandes fontes de prazer e conhecimento. Descobrir estes sentimentos desde bebezinhos poderá ser uma excelente conquista para toda a vida”.

O primeiro contato que a criança tem com o texto é feito oralmente, e a grande influência de ouvir histórias no desenvolvimento da criança consiste em ouvi-las; é a primeira etapa para a constituição de um leitor, ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão de mundo. (ABRAMOVICH, 1989, p.16). No entanto, convivemos em uma sociedade em que cada vez menos as crianças têm contato com a literatura no contexto familiar, ou tem uma “certa” literatura que pouco acrescenta à formação do leitor, cabendo à escola a tarefa de ampliar significativamente estas experiências com textos literários na vida da criança. Na educação infantil, o sujeito aprende lições que levará para a vida toda; se a criança é apresentada desde cedo à literatura, terá grandes possibilidades de continuar usufruindo desse contato com os livros, durante todo o seu crescimento, até a vida adulta, pois os livros terão um significado especial para ela; mas é um trabalho que deve ser iniciado já nos primeiros anos de vida.

Sisto (2018) afirma que as histórias narradas, por escrito ou oralmente, direcionadas às crianças nos primeiros anos de vida, permitem que elas adquiram aquisições em diversos níveis, ou seja, contar histórias para crianças permite conquistas nos planos psicológicos, pedagógicos, histórico, social, cultural e estético, ampliando o seu desenvolvimento.

A escolha do tema desse trabalho justifica-se em duas vertentes sendo, a primeira, é que sou completamente apaixonada por literatura, desde a minha infância sempre fui estimulada, desenvolvendo o gosto pela leitura, e isso me ajudou significativamente em vários aspectos, a ler o mundo de forma diferente e a adquirir novos saberes. A segunda vertente é de viés acadêmico, pois a Educação Infantil é a área em que pretendo atuar depois da conclusão de minha graduação. Atualmente, já trabalho na área e pude perceber, em vários aspectos, que alguns educadores não têm a compreensão da importância da literatura na educação infantil, fazendo do livro um mecanismo pouco utilizado no cotidiano escolar; sendo assim, esse estudo pode contribuir para que os demais educadores compreendam como a literatura é importante no processo de desenvolvimento da criança, desde a primeira infância.

Com isso, a presente pesquisa tem como objetivo apresentar um breve histórico da literatura infantil e refletir acerca das contribuições no desenvolvimento da criança. Subsequentemente, pesquisar a vida e obra de

Ruth Rocha, uma autora renomada de literatura infantil brasileira, muito conhecida, que sempre foi muito presente na minha vida (inicialmente relendo vários de seus livros, para depois optar por um, em específico).

Como metodologia, optei por iniciar um percurso com a pesquisa bibliográfica, contudo a escrita do texto amplia-se para a questão biográfica: compreender a vida de Ruth Rocha, em diálogo com uma de suas obras e pensamentos sobre minha formação como leitora.

O trabalho está dividido em cinco capítulos e as considerações finais. O primeiro capítulo apresenta uma breve concepção de infância e educação infantil. O segundo capítulo apresenta algumas ideias acerca da literatura infantil, seu surgimento e a transformação em produto voltado para as crianças. O terceiro capítulo fala sobre a importância da literatura infantil já nos primeiros anos escolares, que é a educação infantil. O quarto capítulo descreve a vida de Ruth Rocha e realizarei um passeio por suas obras. O quinto capítulo versa uma pesquisa na base de dados da SciELO e alguns artigos de revistas periódicas. E para finalizar o trabalho, nas considerações finais foi relatado todo percurso das leituras, enfatizando a importância da literatura infantil na formação de sujeitos desde a primeira infância.

CAPÍTULO 1: INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL

1.1 Concepção de Infância

Quando pensamos em infância, a maior parte das pessoas rememora uma fase divertida da vida, vivenciada quando crianças, sem preocupações e responsabilidades; mas nem sempre foi assim. Muita coisa mudou ao longo da história, para entender a concepção de “infância”, nos dias atuais, é necessário compreender como as crianças eram vistas no passado.

Na idade média, quando as crianças nasciam, não eram vistas com muita importância, eram como uma mera distração, sendo facilmente substituídas; mesmo em casos de morte, não era dado muito valor, não havia um luto pela perda da criança, e a mesma era vista como uma figura desconhecida vivendo em anonimato.

As pessoas se divertiam com a criança pequena como um animalzinho, um macaquinho impudico. Se ela morresse então, como muitas vezes acontecia, alguns podiam ficar desolados, mas a regra geral era não fazer muito caso, pois outra criança logo a substituiria. A criança não chegava a sair de uma espécie de anonimato. (ARIÈS, 1986, p.10).

Não havia espaço para a criança nesse mundo; até a arte medieval não se buscava representar essa fase da vida, não se tinha uma imagem social da criança.

Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse á incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo. (ARIÈS, 1986, p.50).

Ariès (1986) aponta que até o fim do século XIII, não existiam crianças caracterizadas por uma expressão particular e, sim, homens de tamanho reduzido ou adultos em miniatura, ou seja, não havia a ideia de infância como se conhece hoje. Com isso, as crianças participavam da rotina junto aos adultos, incluindo trabalhos, festas, julgamentos, orgias, entre outras atividades, não havendo nenhuma distinção entre elas e as pessoas mais velhas. Toda transmissão de

valores e conhecimentos, ou seja, a socialização da criança se dava quando a criança ajudava os adultos a realizarem as tarefas, aprendiam fazendo.

O autor afirma que a infância é uma invenção da modernidade, que a nossa concepção de infância nos dias atuais foi constituída ao longo do tempo, por meio do contexto social em que as pessoas estavam inseridas.

No final do século XVII, começa a ser reconhecido que a criança necessitava de um cuidado especial, sendo diferenciada do mundo adulto. Dessa forma, a escola teve um papel impactante nesse processo. A relação entre as crianças e os adultos muda significativamente, a criança é afastada do mundo adulto e começa a preparar-se para a vida por meio da educação, como contato com os mais velhos.

Com essa separação a criança se torna a peça central da família, tornando o lar um lugar de afeto entre pais e filhos, uma relação que antes não existia; a criança ganha, portanto, visibilidade.

A família começou então a se organizar em torno da criança e a lhe dar tal importância, que a criança saiu de um antigo anonimato, que se tornou impossível perdê-la ou substituí-la sem uma enorme dor, que ela não pôde mais ser reproduzida muitas vezes, e que se tornou necessário limitar seu número para melhor cuidar dela. (ARIÈS, 1986, p. 50).

Fica nítido que a família e a sociedade passaram a compreender a criança como um ser distinto do adulto, que necessita de cuidado e atenção voltada somente para ela, sendo assim, a criança. Se no final do século XVII, a criança “começava” a ser reconhecida, no século XVIII a sociedade já tinha plena convicção do papel social que a mesma ocupava.

Convém não esquecer que o século XVIII foi também o século que inventou a criança. A sociedade em que adultos e crianças se encontravam misturados no trabalho e nas diversões, nas festas e cerimônias, cede o lugar àquela – a nossa – em que a infância, cuidadosamente, segregada, torna-se um objeto específico de atenção no plano social: daí em diante, suas tarefas, e brincadeiras terão o único objetivo de contribuir para a própria formação. (SCHÉRER, 2009, p. 17).

Definitivamente, é feita a separação da criança do mundo adulto e a criança passa a ser socialmente conhecida e respeitada, onde suas tarefas, brincadeiras e vivências no universo infantil irão contribuir para sua formação.

Por meio dessas breves ideias sobre a infância, podemos perceber a considerável mudança da concepção da mesma ao longo da história, e se antes a criança era uma figura invisível perante a sociedade, nos dias de hoje ela tem um papel significativo, sendo vista como seres singulares, de direitos, que necessitam de um cuidado especial, respeitando suas limitações.

1.2 Concepção de Educação Infantil

Assim como a concepção de infância, a Educação Infantil também teve constantes mudanças ao longo da sua história. As creches e pré-escolas eram vistas como caráter assistencialista, atrelada ao cuidado, as mães da camada popular precisavam trabalhar e deixavam seus filhos nas instituições.

As instituições pré-escolares nasceram no século XVIII em resposta à situação de pobreza, abandono e maus-tratos de crianças pequenas cujos pais trabalhavam em fábricas, fundições e minas criadas pela Revolução industrial que se implantava na Europa Ocidental. (OLIVEIRA, 2010, p. 14).

Outro fator importante a ser destacado é que o atendimento das creches e pré-escolas era de acordo com a classe social em que as crianças estavam inseridas, ou seja, enquanto as crianças oriundas de famílias com baixo nível socioeconômico obedeciam a modelos assistencialistas, as crianças com maior poder aquisitivo frequentavam pré-escolas educativas para desenvolver suas capacidades cognitivas.

Assim, enquanto os filhos das camadas médias e dominantes eram vistos como necessitando um atendimento estimulador de seu desenvolvimento afetivo e cognitivo, às crianças mais pobres era proposto um cuidado mais voltado para a satisfação de necessidades de guarda, higiene e alimentação. (OLIVEIRA, 2010, p. 16).

No Brasil, após a pressão da classe média em busca por atendimentos em creches para seus filhos, nasceu uma discussão mais aprofundada de uma

proposta para creches e pré-escolas, voltadas para o viés pedagógico, contemplando o desenvolvimento integral da criança.

Oliveira (2010) aponta que os movimentos operários feministas ocorrendo no quadro da luta pela democratização do país e pelo combate às desigualdades sociais, propiciaram um vibrante movimento de luta pela democratização da educação pública brasileira, possibilitando a conquista na constituição de 1988, do reconhecimento da educação em creches e pré-escolas como um direito da criança e um dever do estado.

Com essa conquista, as creches e pré-escolas ampliam esse caráter assistencialista e passam a ser, também, de cunho pedagógico, tendo como principal objetivo o desenvolvimento integral da criança de zero a cinco anos de idade.

A Educação Infantil, hoje, é dividida em duas etapas: a creche que atende crianças de zero a três anos de idade e a pré-escola que atende crianças de quatro e cinco anos de idade. Ambas as instituições seguem os referenciais curriculares de educação infantil (publicação federal 1998), destacando os seguintes eixos de trabalho: Música, Movimento, Matemática, Artes Visuais, Natureza e sociedade, Linguagem oral e escrita. Justifica-se a escolha desses eixos por estabelecerem uma parcela de produção cultural humana que enriquece e amplia as condições de inserção das crianças no contexto social.

CAPÍTULO 2: LITERATURA INFANTIL

2.1 Ideias acerca da Literatura Infantil

Não havendo uma distinção entre a criança e o adulto, não havia, também, uma literatura voltada especificamente para ela; sendo assim, a criança tinha contato somente com a literatura destinada aos adultos, e não eram todos que tinham a oportunidade desse contato, sendo destinado apenas à classe nobre.

Percebe-se, dessa maneira, a inexistência da chamada literatura infantil, pois, oral ou escrita, clássica ou popular, a literatura veiculada para adultos e crianças era exatamente a mesma, já que esses universos não eram distinguidos por faixa etária ou etapa de amadurecimento psicológico, mas separados de maneira drástica em função de classe social. (FILHO, 2009, p.108).

A literatura teve início, primeiramente, na forma oral, mediante a contação de histórias, assim era possível a transmissão de conhecimentos, ideias e herança cultural para as gerações mais jovens e as futuras gerações. Segundo Malba Tahan (1997, p.24) “até os nossos dias, todos os povos civilizados ou não, tem usado a história como veículo de verdades eternas, como meio de conservação de suas tradições, ou da difusão de idéias novas”.

No século XVIII, quando a concepção de infância e de criança se modificou, sendo considerada diferente do adulto, criou-se a necessidade de uma literatura desenvolvida para ela. De acordo com Lajolo e Zilberman (2009, p. 16), “a criança passa a ter um novo papel na sociedade, motivando o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) ou novos ramos da ciência (a psicologia infantil, a pedagogia ou a pediatria) de que ela é destinatária”.

Freiberger (2010) aponta que os primeiros livros de literatura infantil surgiram como francês Charles Perrault, mas eram destinadas principalmente às crianças da corte real sempre acompanhados de uma moral. Em seguida, quem se destacou foram os irmãos Grimm, que coletavam contos populares e reescreviam em forma de livros, o típico conto de fadas. E o terceiro autor que se destacou em relação à literatura infantil foi Hans Christian Andersen que não se limitou apenas em reescrever histórias tradicionais que saíam da boca do povo, mas também criava suas próprias histórias.

Os contos de fadas destinados às crianças foram à porta de entrada para as demais literaturas que surgiram, ao longo do tempo, voltadas ao público infantil. Hoje em dia existe uma infinidade de livros voltados a esta faixa etária.

2.2 Literatura Infantil Brasileira

Segundo Cunha (1987) a literatura infantil brasileira teve início primeiramente a partir de obras pedagógicas, sendo a maioria adaptadas por produções portuguesas.

Mas foi na primeira metade do século XX que a literatura infantil brasileira ganha visibilidade por meio do grande autor de clássicos infantis, Monteiro Lobato. Suas obras cativaram milhares de brasileiros, que levam consigo durante toda vida memórias vindas das leituras desse grande autor.

Falar em literatura infantil brasileira é falar em Monteiro Lobato, escritor que ultrapassou as fronteiras do Brasil, conquistando popularidade junto ao público leitor latino-americano ainda no início dos anos 40. Mais do que isso: falar em escrever, traduzir, editar e distribuir livros neste país é falar em Lobato, homem ímpar, cujo maior empenho estava em mudar a face arcaica do Brasil, em trazer o país para a modernidade. Foi ele quem cunhou a célebre frase: “Um país se faz com homens e livros”, assertiva que nem os recentes ventos da globalização têm conseguido abalar. (SILVA, 2009, p. 117).

A maioria das obras literárias infantis girava em torno de ações pedagógicas voltadas à escola. Indo ao contrário disso, Lobato buscava trazer em suas obras uma leitura que envolvesse aprendizado e divertimento, destacando-se de outros autores.

Monteiro Lobato tinha a convicção de que a Literatura Infantil deveria reunir divertimento e informação, pois acreditava que, para a criança, aprender também dá prazer. Como não confiava na eficácia da escola, tratou de preencher com as aventuras do Sítio as lacunas que o ensino formal deixava em aberto. (SILVA, 2009, p. 27- 28).

Com isso, muitas gerações foram influenciadas por esse autor, que faz sucesso até nos dias de hoje, deixando uma marca registrada sobre a literatura infantil brasileira e sua qualidade conhecida mundialmente.

Silva (2009) destaca, em seu livro, vários outros autores que possuem grande influência na literatura brasileira, como Lygia Bojunga, Sylvia Orthof, Ruth Rocha, Ana Maria Machado e Marina Colasanti.

Há autores cuja infância foi marcada pelas histórias de Monteiro Lobato, e hoje seguem seus passos escrevendo livros de literatura infantil de grande qualidade e conhecimento, demonstrando um profundo respeito com os jovens leitores.

Não é de se estranhar que, justamente das gerações de meninos e meninas que leram Lobato com paixão, por puro prazer, tenha saído grande parte da safra de nossos melhores escritores, de que são exemplo Lygia Bojunga, Ruth Rocha, Ana Maria Machado, vozes pioneiras e premiadas da literatura Infantil contemporânea, que se lançaram no mercado nos anos 70. Como Lobato, muitos dos novos escritores têm respeito para com os jovens leitores, apostam na sua inteligência, acreditam que vale a pena estimulá-los a pensar, a discutir, a ver a realidade com um olhar crítico. (SILVA, 2009, p. 106)

Esses autores são conhecidos como “filhos de Lobato”.

A partir dos anos 70, a literatura infantil brasileira teve um grande impulso e ficou conhecida por sua boa modalidade literária, colocando em circulação uma quantidade altamente significativa de volumes e obras destacados por sua qualidade. Autores que buscam com seus livros apresentar informações e divertimento às crianças, tornando a leitura algo prazeroso e significativo culturalmente.

CAPÍTULO 3: LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Em nossa sociedade, convivemos com uma diversidade de pessoas, oriundas das mais variadas classes sociais; as que são desfavorecidas economicamente carregam um hábito de leitura diferente do que é considerado pela instituição escolar ou, dito de outro modo, os materiais de leitura, diferenciados, não proporcionam o contato com a matéria literária... Dessa forma, diversas crianças só conseguem ter o primeiro contato com a literatura no momento que adentram a escola por meio da interação com o professor. Silva (2009) aponta em seu livro que, diferente das décadas passadas, hoje a leitura está muito associada à vida escolar. O hábito da leitura que antigamente era frequente nas famílias, se diluiu, tornando a escola responsável por apresentar a literatura às crianças.

Silva (2009) destaca que, a partir dos anos 70, a qualidade de produção literária voltada para as crianças despertou o interesse da escola, e a leitura de livros literários, que antes só ocorria nos últimos anos do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, com obras da literatura para adultos, incorporou-se à rotina da escola, desde as séries iniciais. Cabe, agora, ao professor despertar o gosto pela leitura, mesmo se a criança ainda não souber ler. Ademais, quando pensamos na literatura infantil no espaço escolar, pensamos no coletivo, leitura partilhada, pensamos no professor como um leitor que forma leitores. (SILVA, 2009, p. 34).

Cabe ao professor dos primeiros anos o papel mais importante, o de despertar o gosto pela leitura, de seduzir o leitor desde os seus contatos iniciais com os livros, antes mesmo que ele seja capaz de decifrar o código escrito. (SILVA, 2009, p 13).

Com o papel da literatura atrelado à escola, a função do professor é de extrema importância nesse processo de estímulo à literatura, desde a educação infantil, para que a criança cresça e se desenvolva apreciando os livros, pois não se gosta do que não se conhece, se a criança não tem esse estímulo no seu ambiente familiar e escolar desde pequena, é mais difícil de criar esse gosto depois de adulta. Outro fator importante é que quando a criança não é apresentada à literatura ela não terá tantas contribuições para seu desenvolvimento cognitivo, como as que só os livros podem fazer.

Freire (1986) nos apresenta a *leitura de mundo*, como um processo que se inicia no momento em que nascemos até nossa morte. Que antecede antes mesmo da leitura da palavra, ou seja, antes da criança aprender decifrar o código escrito, as palavras que estão em um texto, ou escritas no contexto em que vivemos, ela já sabe ler o mundo, sabe ler os signos. Por exemplo, uma criança de três anos de idade que não é alfabetizada, não sabe decodificar a palavra “Banana”, mas se você perguntar o que é uma banana, ela vai dar as características, ela sabe que é uma fruta, e que pode comê-la. Quanto mais a criança for apresentada a coisas novas e estimulada, maior percepção de leitura de mundo ela vai adquirindo ao longo de sua vida. E a literatura pode trazer grandes contribuições para o desenvolvimento cognitivo e estético da criança. Por meio da literatura, dos livros que nos são apresentados desde cedo, vamos acumulando uma bagagem cultural que levaremos para a vida toda.

Machado (2002) explica que a infância é uma fase lúdica da vida e que, nesse momento da existência humana, “a gente faz a festa é com uma boa história bem contada” (p. 13). Vale enfatizar também a importância do diálogo mediante a leitura da história, a interlocução, ou seja, reflexões acerca do que se leu... para além da conversa com o aluno, para além de ouvir sua opinião, para além dos destaques dos pontos principais da história, para muito além do que a criança mais gostou... A ligação entre professores, alunos, autores, livros tornará o momento inesquecível para a criança.

A literatura tem um importante papel no desenvolvimento criativo do indivíduo, quando a criança ouve uma história, ela é apresentada a novos cenários, personagens, situações, palavras e significados, cores e diversos signos, e isso faz com que a criança aumente sua bagagem cultural e seu potencial criativo diante as situações vivenciadas por ela. Quanto mais abundante e significativa a experiência da criança, mais rica será sua imaginação.

Quanto mais veja, escute e experimente, quanto mais aprenda e assimile, quanto mais abundantes forem os elementos reais que disponha na sua experiência, tanto mais importante e produtiva será, mantendo-se idênticas as restantes circunstâncias, a actividade da sua imaginação. (VYGOTSKY, 2009 p. 18).

Quando uma criança ouve histórias, naquele ambiente mágico, ela é envolvida de forma “lúdica” e começa a ser apresentada ao exercício da linguagem desenvolvendo e ampliando seu vocabulário desde a mais tenra idade.

A partir das narrativas presentes nas histórias, a fantasia, a ficção nos tranquilizam, as crianças ao ouvirem histórias, podem descobrir algum fato, personagem, contexto, que ela se identifique inteiramente, ou seja, ela pode reconhecer na história personagens que estão vivenciando as mesmas coisas que ela, e com isso compreender melhor suas experiências de vida, ressignificando-as. Machado (2002) destaca que qualquer passeio pelos mundos ficcionais tem a mesma função que um brinquedo infantil.

As crianças brincam com boneca, cavaleiro de madeira ou pipa a fim de se familiarizar com as leis físicas do universo e com os atos que realizarão um dia. Da mesma forma, ler ficção significa jogar um jogo através do qual damos sentido à infinidade de coisas que aconteceram, estão acontecendo ou vão acontecer no mundo real. Ao lermos uma narrativa, fugimos da ansiedade que nos assalta quando tentamos dizer algo verdadeiro a respeito do mundo. (MACHADO, 2002, p.21).

Silva (2009) acredita que nas histórias infantis, escondem-se em temores, anseios, dúvidas e inseguranças infantis, conseguindo seduzir todas as crianças. Com isso ele denomina a literatura voltada para as crianças em dois eixos principais.

O primeiro eixo é o da Identidade e Diferença, onde a partir do momento em que a criança começa a crescer e se desenvolver, acontece uma ruptura e a criança consegue se reconhecer como um ser único, o “eu” e “outro” pessoas distintas, e traz consigo vários questionamentos e conflitos que permeiam o subconsciente infantil, como por exemplo, Quem sou eu? De onde eu vim? Qual é o meu tamanho? Entre muitas outras perguntas.

O segundo eixo fala sobre Limites e Superações, onde as narrativas retratam os desejos, insatisfações, culpas e medo. A insatisfação, medos, culpas e desejos interiorizados no subconsciente movem as pessoas buscarem pelo outro, aqueles que vão conseguir conceder-lhes o equilíbrio emocional de que necessitam.

Com isso as histórias infantis ajudam as crianças a resolverem seus conflitos internos, ajudando a criarem sua autoimagem, identidade, conseguindo

compreender as diferenças existentes entre as pessoas, e trabalhando os medos, as culpas, desejos e insatisfações ao longo de seu desenvolvimento.

Além das histórias ajudarem na resolução de conflitos internos vivenciados pelas crianças, quando elas crescem desde pequenas ouvindo histórias e convivendo em um ambiente letrado, elas também desenvolvem e despertam um interesse de forma lúdica por atividades que envolvem leitura e escrita em que as pessoas exercitam à sua volta. Por isso é importante que a leitura seja sempre frequente, para que se “pegue o gosto”, para que ela se familiarize cada vez mais com os livros. Outro fator relevante de se destacar é a qualidade dos livros, vejo muitas vezes que o pouco contato que as crianças têm com o livro, geralmente são aqueles livros em que a escrita está muito “enxugada”, não havendo muita riqueza de detalhes e sempre são os mesmos livros, não tendo uma diversidade, nesse caso a criança acaba sendo restrita a outros livros que poderiam ser trabalhados das mais variadas maneiras no seu desenvolvimento.

À vista disso, um professor que lê frequentemente para seus alunos, textos com boa qualidade e interessantes, além de passar a imagem de um modelo leitor aos pequenos, transmite para eles de forma lúdica, uma abundância de informações em relação à língua escrita e a respeito do mundo, ajudando a criança em seus conflitos, estimulando a sua imaginação, aumentando sua bagagem cultural e ampliando seu vocabulário desde os primeiros anos de vida.

Deve-se buscar apresentar às crianças, desde pequenas, livros de qualidade que busquem formar sujeitos críticos e pensantes, mas que tragam divertimento e prazer ao mesmo tempo; com minha experiência na educação infantil, vejo que muitos docentes não dão muita atenção aos livros, apresentando a crianças livros que já são do universo das crianças, perdendo a oportunidade de apresentar materiais novos, ou nem se quer apresentando. Com isso as crianças sempre ouvem as mesmas histórias, e a maioria são contos de fadas. Quero explicitar que não sou contra os contos de fadas, aliás, eles também são muito importantes no desenvolvimento da criança, mas não é a única opção, devemos apresentar as mais variadas obras literárias ao universo da educação infantil, assim eles terão experiências diversificadas de leitura desde pequenos.

CAPÍTULO 4 - DA ESCOLHA DE UM AUTOR

Eu sempre fui completamente apaixonada pela literatura, esse prazer pela leitura se iniciou há muitos anos quando eu ainda era bem pequena. O primeiro contato que tive com as histórias foi por meio da minha avó materna e dos meus pais.

Com a minha avó não tive contato direto com os livros, as histórias que ela me contava eram de forma oral, histórias que ela havia escutado de seus avós e pais e histórias que ela mesma inventava, e que me contava sempre que tinha oportunidade.

Com os meus pais, meu contato foi com os livros, todas as noites antes de dormir eles liam vários livros para mim; enquanto crescia, além de ouvir as histórias que meus pais liam, comecei a ler por conta própria, e a partir daí até os dias de hoje me tornei uma leitora assídua e completamente apaixonada por diversos tipos de literatura.

Agora, terminando o curso de Licenciatura em Pedagogia e após uma disciplina que tive de literatura durante o curso, não pude deixar de relembrar esse gosto pela leitura. A leitura sempre me proporcionou prazer e distração, fazendo-me viajar para diversos lugares sem sair do lugar, trazendo-me várias informações e conhecimentos que nunca saberia se não tivesse contato com a literatura. Com isso, pensei, se a literatura é tão boa para mim, se me trouxe tantas contribuições e diversos conhecimentos, porque não seria boa para as outras crianças também?

Eu fui muito estimulada, antes mesmo de saber ler, como disse acima, e com isso, peguei muita admiração e gosto por vários autores da literatura infantil, como Monteiro Lobato, Irmãos Grimm, dos famosos contos de fadas, Charles Perrault, mas sempre tive um carinho especial por uma autora e, quando penso em literatura infantil, logo rememoro essa autora de clássicos da literatura infantil que se fez presente na minha infância e tem grande influência nas histórias infantis até os dias de hoje, que é a Ruth Rocha. Leituras estas, antes localizadas em um tempo-espaço infantil, “o meu tempo de criança”, perpassam, agora, outro espaço-tempo, não distante e nem descolado daquele: o meu tempo-espaço adulto, como estudante de Pedagogia, também “tempo-infante”, porém com outro olhar – profissional, talvez?

Além disso, assim como eu, a Ruth Rocha sempre ouviu muitas histórias quando pequena, antes mesmo de saber ler, e isso influenciou muito a autora na

aquisição de uma leitura de forma prazerosa e na sua imaginação. Então vejo uma semelhança entre minha vida e a história da autora.

Dentre os vários tipos de livros que os meus pais liam para mim, eu gostava bastante dos livros da Ruth Rocha, por ela ter uma grande diversidade de livros, sobre diversos tipos de assuntos com os quais eu sempre me identificava, e eram livros que me deixavam “vidrada” nas histórias.

Com isso, resolvi escolher a Ruth Rocha para esta experiência de leitura, agora na universidade, e pesquisar sobre a vida dessa autora que tem grande influência na literatura infantil brasileira contemporânea, investigando sua vida e me aventurando em suas narrativas.

4.1– A vida da Autora

A etimologia da palavra biografia significa escrita da vida, ou seja, descrever a vida de determinada pessoa.

Não podemos falar dos modelos de biografia sem abordar a questão da narrativa, que é um dos principais meios de escrita de vida e de construção da identidade.

Quando narramos uma biografia, devemos levar em conta todo o processo da vida do indivíduo, relatando os fatos que articulam a vida pessoal, desde o nascimento, seu crescimento, sua formação na vida adulta, suas experiências e todo seu caminho percorrido, seus sucessos e fracassos.

Não podemos evocar a questão dos modelos biográficos sem abordar a questão da narrativa, que, mesmo não sendo o único, é um dos principais meios de escrita da vida e de construção identitária. (MOMBERGER, 2010, p. 335).

Assim sendo, pesquisei sobre a vida de Ruth Rocha, buscando compreender, ainda que parcialmente, suas experiências vividas que a tornaram na renomada autora de livros infantis, conhecidos mundialmente.

Em 2 de março de 1931 nascia uma garotinha chamada Ruth, filha do Doutor Álvaro e da Dona Esther. Apesar de seus pais serem cariocas, Ruth nasceu

na cidade de São Paulo, era a segunda filha do casal, e tinha quatro irmãos: Rilda, Eliana, Alexandre e Álvaro. A família de Ruth tinha raízes em vários lugares do Brasil. Tendo antepassados, baianos, paraenses, sergipanos e mineiros.

Quando criança, morava em uma vila, na Rua Morgado Mateus, e desde pequena participava ativamente das brincadeiras junto às crianças da vila, Ruth dizia que sua rua era muito democrática, pois tinha gente que morava em casa grande e bonita e também tinha gente muito simples. Mas quando juntava todo mundo junto, era uma verdadeira diversão, eles brincavam todos juntos e não ligavam para essa diferença de classes sociais.

Na rua, a meninada se igualava nas brincadeiras, uns entrando na casa dos outros. Entravam por uma porta, saíam por outra, desfrutando os quintais. Havia tudo que era fruta: lima-da-pérsia, jabuticaba, goiaba mexicana e até araçá. (DANTAS, 2012, p. 10).

Quando Ruth e a irmã Rilda, entravam na casa, depois de um longo dia de brincadeiras na rua, brincavam mais um pouco com seus brinquedos, e quando Ruth se cansava, resolvia deitar-se e brincava de inventar histórias. E seus pensamentos iam alto, sonhando um dia poder contar histórias bonitas, como a sua mãe contava.

A mãe de Ruth, dona Esther, adorava convidar a garotada da vila para tomar um lanche e logo após contava um monte de histórias. Essa arte de contar histórias foi herdada do seu pai, o avô de Ruth, conhecido como vô Yoyô; ele era baiano e adorava contar e inventar histórias.

De vez em quando, de tardezinha, dona Esther convidava a garotada da vizinhança, servia um lanche bem caprichado e depois contava muitas e muitas histórias. Contar histórias era uma arte que ela tinha aprendido com seu pai, Francisco Sabino Coelho de Sampaio. Ele tinha esse nome comprido, mas todos o chamavam de Yoyô (naquele tempo se escrevia assim mesmo, com dois ípsilons). Ele era o avô baiano de Ruth e Rilda. Um mestre, um artista de verdade. E tanto sabia contar histórias como ser avô. (DANTAS, 2012, p. 12).

O avô Yoyô de Ruth morava no Rio de Janeiro, e de vez em quando ia para São Paulo visitar os netos que tanto amava. Sua chegada era uma verdadeira festa, e todas as pessoas que ouviam suas histórias ficavam encantadas. Ele adaptava os contos clássicos dos irmãos Grimm, de Hans Christian Andersen, de Charles Perrault, ao universo popular brasileiro. Como por exemplo, a seguir:

Até a Branca de Neve ganhava cores baianas, em vez da maçã, a bruxa malvada iludia a inocente princesa com uma succulenta carambola. E no casamento com o príncipe havia uma grande fartura de doces da terra: quindim, cocada, papo de anjo, alfenim. (DANTAS, 2012, p.14).

Nas temporadas de férias a avó Neném de Ruth vinha passar alguns dias com a filha e os netos. A avó adorava cantar e incentivava a neta a fazer o mesmo, lhe ensinando várias músicas antigas; mesmo depois de a vovó ir embora, as cantorias não paravam e a tia de Ruth dizia que a sobrinha seria cantora.

E por incrível que pareça, Ruth participou de um programa infantil na rádio cultura, e logo virou estrela. Quando estava quase para ganhar um concurso, e de Rainha do rádio, Ruth teve uma crise de asma, uma doença que ela tinha desde muito pequena, e a deixava com dificuldade para respirar: isso atrapalhou sua carreira de cantora.

Nas temporadas de férias, Ruth ia à praia, dizia que a praia era um santo remédio, tudo era liberdade e era um ótimo lugar para sonhar. Ficava por horas construindo castelos de areia, tentava fazer réplicas dos castelos das histórias e naquele contexto, inventava novas histórias.

Para Ruth, a praia era um santo remédio, porque, na beira do mar, a tal da asma sumia [...] A praia também era um lugar bom para sonhar. Ruth passava horas construindo castelos de areia. Caprichava para fazê-los parecidos com os que via nos livros de histórias. E inventava suas próprias histórias. (DANTAS, 2012, p. 20-21).

Dona Esther mãe de Ruth, lia para ela as histórias de Monteiro Lobato, enquanto ouvia as histórias, Ruth viajava em seus pensamentos, e criava diversas histórias envolvendo sua rotina, sua rua, seu quintal, sua escola.

Ruth foi crescendo e quando estava no ginásio, suas leituras preferidas eram do gênero romance, até que um professor indicou um livro da autora Eça de Queiroz chamado “A cidade e as Serras” e a partir dessa leitura, Ruth não parou mais de ler bons livros. Ia à biblioteca Mario de Andrade no centro da cidade, e ficava encantada com tantas estantes de livros pensando que um dia leria todos.

Apaixonada desde pequena pela literatura e pelas histórias, Ruth leu diversos livros. Quando terminou sua graduação, trabalhou em uma biblioteca, de uma escola, onde reunia várias crianças e lia histórias com elas.

Formou-se em Sociologia, na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, e realizou uma pós-graduação em Orientação Educacional. Trabalhou como orientadora educacional em um Colégio, onde começou suas escritas em torno do tema educação publicadas na revista *Cláudia*. A vivência da autora como orientadora foi uma experiência fundamental para o desenvolvimento de suas narrativas, por meio do seu trabalho como orientadora, Ruth teve contato direto com os diversos tipos de problemas vividos por jovens e crianças.

Casou-se com Eduardo de Souza Louzada Rocha, e teve uma filha chamada Mariana, que foi a fonte de inspiração das primeiras histórias da autora. Ruth também já é avó e apaixonada pelos dois netos, Miguel e Pedro.

Ruth sempre imaginou muitas histórias, mas nunca pensou em escrevê-las, até que sua amiga Sonia Robato que dirigia a revista infantil *Recreio*, convidou Ruth para escrever uma história para a revista. E desse jeito em 1969 nasceu a história “Romeu e Julieta”, a primeira de muitas narrativas publicadas que Ruth escreveu para a revista. Sete anos depois em 1976, é lançado o primeiro livro da autora, chamado *Palavras, muitas palavras*. Depois disso, Ruth não parou mais de escrever.

Atualmente, Ruth Rocha, tem mais de 200 títulos publicados, e é uma grande referência na literatura infantil brasileira. Recebeu prêmios da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, da Academia Brasileira de Letras, da Associação Paulista de Críticos de Arte, entre muitos outros.

Hoje aquela garotinha que queria ler todos os livros, e que adorava inventar histórias, tem bibliotecas em sua homenagem. No Rio de Janeiro, no interior de São Paulo e em Brasília. E é uma autora reconhecida em todo Brasil, com várias obras traduzidas em outros idiomas.

4.2 Quadro de Informações das Obras Seleccionadas

Segue abaixo, o quadro de informações das obras encontradas e utilizadas para o passeio dos textos literários de Ruth Rocha. O critério de escolha das obras será explicado detalhadamente no próximo tópico.

TÍTULO	ANO
Palavras, muitas palavras	1998
Romeu e Julieta	1994
Bom Dia todas as Cores	1998
O coelhinho que não era de páscoa	1999
Meu amigo dinossauro	2015
Atrás da porta	1997
Quem tem medo do Ridículo	2012
Uma História com Mil Macacos	2009
Marcelo, Marmelo, Martelo	2011
Nosso Amigo Ventinho	2009
Quem tem medo de Quê?	2003
Quem tem Medo de Dizer Não?	2012
Pedrinho Pintor	2009
No caminho de Alvinho tinha uma pedra	1994
A Árvore do Beto	2010
<i>O menino que aprendeu a ver</i>	1998

4.3 Um Passeio Por Alguns Textos Literários

Ao procurar e pesquisar sobre os livros de Ruth Rocha descobri que a autora tem mais de duzentos títulos publicados. Optei por reler dezesseis de suas obras. Fui, então, à biblioteca da escola em que trabalho E.M.E. B “Braz Giuseppe

Fedrigio”, localizada na Cidade de Charqueada - SP, selecionei algumas obras da Ruth Rocha, não encontrei muitas, foram seis livros no total. Sentei-me em uma mesa na biblioteca e com muita atenção li os livros. A experiência da leitura não começava ali, posto que o interesse por Ruth Rocha vinha desde a infância; no entanto, marcava uma fase da escrita do trabalho de conclusão de curso: uma leitura comprometida com um objetivo, o de mergulhar na escrita desta autora. Posso dizer que, ainda que diferente, sua história como leitora imbrica-se com a minha, pois o contexto familiar de estimulação à leitura existiu para nós duas. O que teria Ruth Rocha para me dizer acerca da leitura e da literatura por meio de seus livros? Estes livros que encontrei?

Encontrei, primeiramente, o livro *Palavras, muitas palavras*. Este foi o primeiro livro que Ruth Rocha publicou em 1976. O livro é feito em forma de cartilha, cada página do livro representa uma letra do alfabeto com várias palavras que começam com a mesma letra, a estrutura do texto é feita em forma de poemas com rimas, o que deixa a leitura ainda mais gostosa e alegre. É um ótimo livro para apresentar às crianças o alfabeto de maneira lúdica e divertida, as letras são bem coloridas, e as rimas são curtas, tudo o que chama a atenção das crianças. Fiquei animada com o achado!

Em seguida, realizei a leitura do livro *Romeu e Julieta*, que foi a primeira narrativa que Ruth Rocha publicou na revista *Recreio*, comecei a folhar as páginas, e me pego pensando nos trabalhos pedagógicos que posso desenvolver em cima das histórias, talvez um olhar mais profissional sobre cada livro infantil que pego em minhas mãos, que torne algo marcante e significativo para as crianças... Quando olhei o título “Romeu e Julieta” logo pensei que seria uma reescrita adaptada da famosa história original, mas me enganei, a história falava sobre duas borboletas, Julieta era a borboleta amarela, e Romeu, era uma borboleta azul, mas eles não podiam se misturar, pois eram de cores diferentes, e cada borboleta devia ficar no canteiro da sua respectiva cor, ninguém podia conhecer ou falar com alguém de cor diferente. Mas Romeu e Julieta ficaram amigos e com isso todas as borboletas se misturaram e resolveram crescer juntas, tornando a primavera mais colorida. Quando terminei de ler esse livro, já me imaginei lendo-o para as crianças, e as inúmeras possibilidades de trabalho diante desse livro tão rico e divertido, mostrando o valor da amizade, trabalhando os preconceitos, e que mesmo com as diferenças quando trabalhamos juntos, tudo fica melhor e mais colorido.

Dando a sequência às leituras, peguei a obra *Bom Dia todas as Cores*. Este livro retrata a história de um camaleão que vivia mudando de cor, conforme a opinião dos outros, ele foi dar uma volta na floresta, e conforme ia encontrando os outros animais ia ficando da cor que eles pediam, o camaleão começou a ficar incomodado, pois percebeu que não poderia agradar todo mundo, então ele decidiu agradar a ele mesmo, não se importando com o que os outros iriam falar como no poeminha abaixo, retirado do texto:

Por mais que a gente se esforce,
Não pode agradar a todos.
Alguns gostam de farofa.
Outros preferem farelo...
Uns querem comer maçã.
Outros preferem marmelo...
Tem quem goste de sapato.
Tem quem goste de chinelo...
E se não fossem os gostos,
Que seria do amarelo?
(ROCHA, 2013, p. 31)

Com esse livro podemos trabalhar a individualidade e a autoconfiança. Animais diferenciados, camaleão, sabiá-laranjeira. Que surpresa quando vi-me verificando o que seria possível trabalhar com as crianças por meio da leitura deste texto!...

O livro, *O coelhinho que não era de páscoa*, conta a história do coelhinho Vivinho, que diferente dos irmãos queria ter outra profissão, mas seus pais queriam que ele fosse um coelho da páscoa, porém ele tinha gostos diferentes, e amigos diferentes, como o beija-flor, a borboleta, e a abelha. Os irmãos o achavam estranho, por ele ser diferente. Com esse livro assim como o *Bom dia Todas as Cores*, os personagens são animais e pode se trabalhar a individualidade, as diferenças, que ninguém é igual a ninguém e que nós todos temos gostos diferentes, e que devemos trabalhar no que gostamos, além disso, a partir da leitura do livro, pode se trabalhar os diferentes tipos de profissões.

O quinto livro que comecei a ler foi *Meu amigo dinossauro*. Conta a história do dinossauro Joaquim, um dinossauro muito educado e inteligente, que virou amigo do Miguel, quando apareceu no seu quintal, ele brincava com Miguel, ajudava-o nas tarefas do dia a dia, e no decorrer da história o dinossauro vai acompanhando Miguel em sua rotina, ao final do livro o dinossauro se revela ser uma fantasia e de dentro da barriga dele, saem os dois amigos de Miguel, Mariana e

Raimundo, que conseguiram enganar todo mundo com a fantasia. A partir desse livro, é possível trabalhar a extinção dos animais, dinossauros, petróleo, preservação ambiental, fósseis e pré-história. É constituído por rimas, tornando a leitura extremamente prazerosa.

Seguidamente, ávida pelos achados, li o livro *Atrás da porta*. A obra tem como personagem principal um menino chamado Pedrinho, que depois do falecimento de sua avó, o casarão em que morava foi dividido em dois, e doado uma parte para escola e uma parte Pedrinho morava. Pedrinho amava as histórias que sua avó contava, e não gostava muito das histórias dos livros, dizia que eram chatas. Um belo dia Pedrinho descobre uma porta secreta na parede de sua casa, e quando atravessa por essa porta, se depara com uma sala repleta de enormes estantes de livros. O menino olhou por tudo e encontrou um livro escrito por sua avó com as histórias que ela contava para ele, e passou a noite toda lendo, ele resolveu guardar segredo, guardou o livro no lugar e foi dormir, no outro dia convidou dois amigos que estavam super curiosos para saber dessa tal de sala secreta, e Pedrinho levou eles para conhecerem a tal da sala secreta, e todas as noites, Pedrinho e seus amigos iam ler na sala secreta, a cada dia, ia aumentando mais amiguinhos. Um dia os pais de Pedrinho e de seus amiguinhos acabaram descobrindo onde os filhos passaram a noite, e perguntaram por que eles não faziam isso durante o dia, e Pedrinho perguntou se eles podiam? A mãe dele respondeu que sim e disse que biblioteca era para isso, e revelou que na verdade, eles estavam na biblioteca da escola e não nessa tal de sala secreta.

Joãozinho falou para mãe que a biblioteca sempre ficava fechada na escola e que eles não tinham acesso. Então os pais foram falar com a diretora, querendo saber o porquê a biblioteca ficava fechada.

Agora a biblioteca fica sempre aberta, até nos finais de semana e teve uma festa para a abertura da biblioteca, e o livro que a avó de Joãozinho escreveu, o pai dele mandou para uma editora chamada Salamandra, que gostaram muito das histórias e resolveram editar. E várias pessoas importantes fizeram a ilustração dos livros da avó de Pedrinho, como Walter Ono, Eva Furnari, Ziraldo, Carlos Brito, Helena Alexandrino, Ivan Zagg, e outros ilustradores incríveis. E todos eles vieram para festa. Teve publicação do livro da Ana Maria Machado e a Sylvia Orthof e João Marinho. E Anna Flora e a Edy Lima, vieram dar muitos autógrafos.

A história apresenta um pouco de suspense, aliás, não sabemos o que iríamos encontrar atrás da porta, é um livro totalmente envolvente. Além de Ruth Rocha conciliar a história fictícia com a vida pessoal dela, apresentando no livro uma crítica às diversas escolas que tem bibliotecas, mas ficam fechadas, assim como o personagem Pedrinho, Ruth também ouvia histórias que seu avô inventava e era completamente apaixonada, e por fim a autora faz menção a diversos escritores e ilustradores brasileiros bastante conhecidos.

Como desde o início minha ideia era reler dezesseis obras e escolher uma para ir mais afundo, e na escola em que trabalho só encontrei seis obras, entrei em contato com várias professoras que conheço para encontrar mais nove obras de Ruth Rocha.

Então, a professora Mariana, com quem trabalhei no meu primeiro ano de faculdade e que agora trabalha em uma escola particular na cidade de São Pedro – SP me ajudou e conseguiu mais algumas obras, para que eu realizasse a leitura. Fui até a escola e peguei os livros.

Desta vez o lugar era outro: minha casa. Deitei-me em minha cama – diferente da cadeira da biblioteca – e continuei a me deliciar lendo as obras da Ruth.

Peguei o livro *Quem tem medo do Ridículo*, a obra fala sobre os medos, que entre todos os nossos medos, o mais temido é fazer um papel ridículo no meio de muita gente, o livro vai dando exemplos de situações onde podemos passar vergonha na tentativa de agradar as pessoas, e no final do livro a autora fala que ridículo mesmo é ficar preocupado com o que as pessoas estão pensando. Um livro que pode ser lido, perfeitamente, em todas as idades, agrada até os adultos que o leem, afinal, quem não tem medo de passar vergonha diante de algumas atitudes?

Em seguida, tomei em minhas mãos o livro *Uma História com Mil Macacos*, a obra conta a história de um cientista que se chamava Eduardo Quaresma, e ele estava estudando a personalidade de vários animais, então um dia ele foi atrás de alguns macacos para observar o comportamento deles. Como na cidade não havia um zoológico, ele mandou um telegrama para o amigo dele, para que o mesmo enviasse um ou dois macacos, mas o Zeca, responsável por mandar os telegramas era um cara muito distraído. Então começou a chegar caixas e caixas para o cientista Quaresma, com 10 a 12 macacos cada caixa, ele acomodou os macacos no seu quintal e ficou satisfeito, pois podia começar seus estudos. Mas no outro dia, chegaram mais caixas com macacos e a mesma coisa acontecia no dia

seguinte, então o cientista Quaresma, resolveu verificar com o Zeca, o telegrama que ele tinha enviado, e o Zeca tinha escrito errado, ele colocou no telegrama “1 O 2 macacos”, em vez de “1 Ou 2 macacos”, ficando cento e dois macacos. O Quintal do cientista ficou repleto de macacos e na cidade até o preço da banana subiu, pois Quaresma estava comprando muita banana para alimentar a macacada. Então Quaresma foi até Zeca e pediu para que ele enviasse outro telegrama, pedindo para seu amigo parar de enviar macacos, mas novamente Zeca escreveu um telegrama errado, e as caixas de macacos não paravam de chegar, então o cientista Quaresma esperou o próximo trem chegar para deixar as caixas com os macacos e entrou no trem, deixando a macacada toda para o Zeca que fez toda a confusão, e até hoje o Zeca é babá de macacos.

É uma história bem animada, ficamos naquela expectativa para saber se vai parar de chegar mais macacos, e como o Quaresma vai lidar com toda aquela situação.

Em seguida iniciei a leitura do livro *Marcelo, Marmelo, Martelo*, o *best-seller* da autora. Marcelo era um garoto que vivia fazendo perguntas para todo mundo, queria saber o porquê de absolutamente tudo, às vezes os adultos sabiam responder e às vezes não sabiam. Um belo dia ele cismou com o nome das coisas, queria saber o porquê ele chamava Marcelo, e não Martelo ou Marmelo, e no dia seguinte queria saber o porquê cada objeto tinha aquele determinado nome e porque não podia ser diferente, ele falava que as coisas tinham nomes errados, e deveriam ter nomes mais apropriados, por exemplo, cadeira deveria se chamar “sentador”, e para cada objeto do seu cotidiano ele foi mudando o nome, colocando nomes que tinham mais significado, criando então sua própria língua. O pai de Marcelo lhe dizia para falar o nome correto das coisas, pois senão ninguém entenderia o que ele queria dizer, mas Marcelo continuou a falar sua própria língua. Então um dia, a casinha do cachorro que Marcelo chamava de “Moradeira”, pegou fogo, e ele com essa mania de dar novos nomes às coisas, tentava explicar para o pai o que estava acontecendo, mas trocando todos os nomes. O pai do garoto via sua aflição, mas não entendia o que ele estava querendo dizer; quando finalmente entendeu, já era tarde demais e a casinha estava destruída, então Marcelo muito triste falava que gente grande não entende nada mesmo. Hoje em dia, os pais de Marcelo não falam sua língua, mas se esforçam para entender o que ele fala. O livro retrata muito bem a fase vivenciada pelas crianças sobre o porquê das coisas,

Marcelo é uma criança curiosa assim como a maioria das crianças e quer saber absolutamente tudo.

Dando sequência, li o livro *Nosso Amigo Ventinho*, a obra conta a história de um ventinho muito alegre e esperto que vivia brincando no céu. Sua mãe Dona Ventania, sempre educou o filho muito bem, sempre lembrando o filho que ele tinha que fazer suas tarefas e obrigações, mas também tinha que brincar, pois brincar era obrigação de toda criança, então ventinho brincava com seus amiguinhos e com as nuvens, mas também fazia suas obrigações direitinho, ajudava o pai nas tarefas, ajudava a empurrar os barcos, a secar as roupas, e quando estava voltando para casa, Ventinho gostava de passar na escola, conhecia todos os meninos e até mesmo a professora. Nesse dia quando estava voltando para casa, estava acontecendo uma reunião para a realização de uma grande festa na escola e Ventinho que é muito curioso, entrou pela veneziana para saber mais sobre o assunto, então a professora pediu para que um aluno fechasse a janela, pois ela estava com frio, e Ventinho acabou ficando preso! Ele procurou uma saída por todos os lados, mas não achou, então resolveu ficar sentando em cima do armário até que alguém abrisse a porta para que ele pudesse sair então um aluno abriu a porta e ele foi voando para casa, mas todo dia depois do trabalho, passava na escola para ver o andamento da festa. Finalmente chegou o dia da festa e todas as crianças estavam animadas e felizes com suas fantasias. Mas Ventinho estava preocupado, pois no céu alguma coisa não estava certa, as nuvens estavam cheias e escuras e se chovesse iria acabar com toda a festa. De repente o primo de Ventinho chegou, era o vento noroeste, estava mal humorado e ficava empurrando as nuvens para chover e acabar com a festinha. Ventinho vendo isso correu até o primo e pediu para ele não fazer isso, pois as crianças estavam muito contentes, e então chamou seus amigos e juntos conseguiram empurrar as nuvens para longe, salvando a festa das crianças. Ruth termina a história, falando que quando as crianças observarem a roupa balançando no varal, os barcos no mar, as nuvens correndo no céu, vão saber que quem faz tudo isso é nosso amigo Ventinho.

Continuando, dessa vez peguei que um livro chamado *Quem tem medo de Quê?* A autora começa falando que vai revelar um segredo, uma coisa que ela tem muito medo, que é do barulho do trovão, e cada pessoa vai falando seu medo ao decorrer da história, uma tem medo de lagartixa, outra de injeção, outro tem medo de escuro, o outro tem medo de vampiro, medo de pegar piolhos, medo de

cachorro, medo de avião, medo de bicho com penas, e no final do livro, a autora acaba falando que todo mundo tem medos, e isso não é vergonha. O livro é em forma de poemas e rimas, tornando a leitura divertida. Podendo ser trabalhado quando o assunto é medo, aliás, todos nós temos medo e isso não é nenhuma vergonha.

Continuando a leitura, e da mesma coleção do livro anterior, peguei uma obra chamada *Quem tem Medo de Dizer Não?* O livro narra a história de uma menina que não sabe dizer não, e sempre se sente mal por ter que fazer as coisas contra sua vontade. Com esse livro, podemos trabalhar a questão de sempre querer agradar os outros, deixando nossos gostos de lado, às vezes é necessário falar não e não há problema nisso.

Faltando apenas quatro livros para realizar a leitura, peguei o livro *Pedrinho Pintor*, que conta a história de um coelhinho pintor chamado Pedrinho e que pintava lindos quadros, era um coelhinho muito alegre. O sonho de Pedrinho era trabalhar em uma fábrica de ovos de páscoa que se localizava lá do outro lado da floresta, e um dia resolveu falar com o gerente, mas o gerente não gostou muito das roupas de Pedrinho, por serem coloridas, e nem quis ver as pinturas do coelhinho, dizendo que precisava de gente séria. O coelhinho saiu da fábrica triste, não sabia qual era a relação entre as roupas e sua pintura, então resolveu tirar do bolso um pincel, e saiu pintando tudo o que encontrava, tornando mais bonito o caminho por onde passava. A fábrica que o coelhinho queria trabalhar estava com uma produção muito baixa de ovos e precisavam de um pintor urgente, então o gerente pediu para que seu ajudante fosse procurar Pedrinho, mas ele não tinha a mínima ideia de onde iria encontrá-lo. Contudo ao sair da fábrica, começou a observar algumas pinturas ao seu redor e foi acompanhando-as até chegar a uma casinha toda pintada, e lá no jardim estava o pintorzinho, pintando seus quadros. O ajudante conversou com Pedrinho, e ele só iria aceitar trabalhar na fábrica, se pudesse usar suas roupas coloridas. O ajudante concordou e então Pedrinho foi contratado para trabalhar na fábrica, e foi uma verdadeira revolução, nunca ovos tão bonitos foram pintados naquela fábrica. E quando chegou a páscoa todas as crianças ficaram surpresas com a beleza dos ovos. Hoje Pedrinho trabalha na fábrica muito satisfeito inventando novos modelos de ovos. Nesse livro aprendemos que não devemos julgar os outros pela aparência, e tirar conclusões precipitadas, Pedrinho gostava de usar roupas coloridas e mesmo assim era um excelente profissional.

Na sequência, peguei um livro chamado *No caminho de Alvinho tinha uma pedra*, o livro conta a história de um menino muito curioso que levava tudo que encontrava na rua para sua casa, um dia ele encontrou uma pedra, que na verdade era um ovo e logo nasceu um avestruz, e o menino escondeu o avestruz da mãe, dentro do seu quarto, mas ela começou a desconfiar e logo descobriu, fazendo uma tremenda confusão no apartamento em que eles moravam. A história é muito divertida, as crianças se identificam muito, pois assim como Alvinho elas também são curiosas e adoram levar as coisas que encontram para casa, a obra é constituída por rimas deixando o leitor completamente envolvido e curioso para saber o que vai acontecer com o avestruz.

Quase terminando as leituras, a penúltima obra se chama *A Árvore do Beto*, conta a história de um garotinho que se chamava Beto e que era amigo de todos ali do bairro, ele entregava o pão nas casas, também é amigo do Sapateiro e está aprendendo a concertar sapatos. Beto tinha muita vontade de ter uma árvore de Natal, era o sonho dele, mas o pai de Beto não tinha condições de comprar, então Beto teve uma idéia, lá na sua rua, tem um terreno baldio, então Beto plantou uma árvore lá e esperou que ela crescesse todos os dias. O Beto regava a mudinha de pinheiro dele, algum tempo se passou, e depois de muita dedicação e cuidado o pinheiro de Beto ficou grande, prontinha para virar árvore de natal, então Beto pediu para seu Nicolau ajudar ele a levar a árvore para casa, seu Nicolau apareceu lá com um serrote e Beto ficou assustado, não queria que matasse a árvore que ele tanto cuidou, e resolveu deixar a árvore lá e foi para casa muito triste, toda sua família tentou animá-lo, mas nada adiantava, ele queria sua árvore, mas não queria matá-la. Então Beto foi à janela e percebeu um movimento estranho, todos passavam para lá e para cá com embrulhos nas mãos. Chegou à noite de natal, e a mãe de Beto toda arrumada, pediu para que ele fosse tomar banho e se arrumar também, pois eles iriam sair. Beto e sua família foram até o terreno baldio, e chegando lá Beto encontrou todos os seus amigos da rua, havia luzes por todo lado e estava tudo enfeitado, e no centro do terreno estava sua árvore, grande e iluminada, os amigos de Beto fizeram uma ceia e todos comemoraram o Natal ao lado de Beto, e Beto finaliza a história dizendo que quem tem grandes amigos, todo dia é dia de natal.

Nessa história pode se trabalhar inúmeras temáticas, como a preservação do meio ambiente, datas comemorativas, amizade etc.

Finalizando a leitura dos livros, deixei por último a obra *O menino que aprendeu a ver*, e uma sensação de nostalgia tomou conta do meu ser, esse foi o primeiro livro da Ruth Rocha que meus pais leram para mim, e é um livro que tenho muito carinho e afeição. O livro tem um personagem principal, um garoto chamado João, era um menino curioso, que aos poucos ia descobrindo o mundo, e queria saber o que eram aqueles desenhos sem sentido que ele encontrava nas placas, ônibus, cartazes, ruas etc. Então a mãe de João, o colocou na escola, e conforme ele ia aprendendo as letras que a professora ensinava, ele saía na rua e reconhecia no mundo as letras que aprendera na escola, e os desenhos sem “sentido”, aos poucos iam tomando forma, pois João estava sendo alfabetizado.

Primeiro começou com a letra A, e ele ia reconhecendo a letra A em tudo que via, e assim acontecia com as demais letras, até o fim do livro, e aqueles desenhos estranhos começaram a ter sentido, pois ele aprendeu a reconhecer as palavras.

É um livro muito gostoso de ler, a gente vive junto ao personagem, a inquietação de não saber o que está escrito nas coisas, até o momento em que acontece o milagre da visão e ele consegue decodificar as palavras e perceber que não eram apenas meros desenhos. Acredito que toda criança passe por isso, rememoro minha infância, onde eu já entrei no ensino fundamental sabendo ler, lembro que por si própria e em um ambiente familiar muito estimulado com muitas leituras contribuíram significativamente para meu desenvolvimento e aguçaram a minha curiosidade sobre o mundo letrado a minha volta, em saber o que estava escrito nas placas e fachadas, e a paciência dos meus pais até que eu conseguisse ler a palavra, pois demorava um pouquinho, e lembro-me do meu entusiasmo quando conseguia ler o que estava escrito, exatamente quando o menininho começa a ver sentido no mundo a sua volta.

É uma delícia vivenciar essa fase junto à criança, a fase das descobertas. Na educação infantil os educadores vivenciam muito isso, é uma fase em que as crianças fazem grandes descobertas, assim como o garotinho do livro.

As crianças da educação infantil estão começando a descobrir o mundo, e tudo para elas é algo novo, divertido, elas prestam atenção em detalhes que para nos adultos passam despercebidos e no livro *O menino que aprendeu a ver*, retrata exatamente isso, o garotinho tem uma leitura ampla do mundo, ele sabe o que é uma loja de brinquedos, mesmo sem saber ler a fachada, talvez porque a loja de

brinquedos é algo de seu interesse, mas o mundo letrado a sua volta não passa de meros desenhos sem sentido.

E isso acontece com as crianças da educação infantil, que ainda não são alfabetizadas, as letras são apenas desenhos sem sentidos até ganharem um significado, mas para isso é necessário estímulo, e como despertar na criança desde pequena a curiosidade de saber o que representa aqueles desenhos que elas veem em placas e cartazes assim como o garotinho? Acredito que a literatura tem papel fundamental nesse processo.

A partir do nascimento de uma criança ela vai se desenvolvendo por meio de interações sociais no contexto em que ela vive, e a partir disso o indivíduo por si próprio vai criando mecanismos para a compreensão do mundo em que o mesmo está inserido. Assim sendo uma criança que nasce em uma sociedade letrada e convive em diversos ambientes compostos por elementos escritos, despertam sua curiosidade e interesse.

A literatura infantil é um instrumento fundamental para suprir as curiosidades e interesses dos alunos (ou para deixar mais curiosos?), e ampliar suas possibilidades de compreensão do mundo que as cercam. Ao oferecer aos educandos diferentes tipos de linguagem estamos ajudando-os na aquisição de novos universos culturais que eles levarão para a vida toda.

Assim como Pedrinho, o garotinho do livro quando despertamos o interesse das crianças desde pequenas com a linguagem escrita, os desenhos sem sentido vão fazendo sentido a partir do momento em que elas vão reconhecendo as letras no contexto em que vivem. E através do livro é uma maneira lúdica de se trabalhar isso.

Quando terminei de analisar de forma geral as quinze obras que encontrei de Ruth Rocha, pude constatar que apenas duas obras eram destinadas a crianças da educação infantil que seria com idade de até seis anos e os outros treze livros restantes a faixa etária indicada era de sete a nove anos.

Porém os livros dessa autora fazem sucesso independentemente da faixa etária estabelecida nas obras, não importa a idade, todas as crianças e leitores se divertem com a sua narrativa. Dois dos livros narrados acima, apesar da faixa etária ser de sete a nove anos, trabalhei no meu estágio obrigatório de educação infantil e as crianças amaram, foi um trabalho muito divertido e significativo, e elas demonstraram muito interesse durante o ato da leitura, ficaram com os olhinhos

atentos direcionados a mim. Mas o que tem de tão especial nas narrativas dessa autora que deixam as crianças encantadas?

Silva (2009) acredita que existe um segredo por trás do sucesso das narrativas de Ruth Rocha que encantam crianças de todas as idades, se baseia em dois fundamentos.

Em primeiro lugar, na linguagem utilizada, que é solta, coloquial, desprovida de artificialismos, muito próxima à do leitor, estabelecendo, por isso mesmo, um clima de cumplicidade entre narrador e ouvinte. Em segundo lugar, no olhar crítico com que a autora analisa e descreve situações e personagens, convidando o leitor, a ele mesmo também, analisar, criticar, julgar os fatos, numa postura mudancista, que rejeita estabelecido e aposta no novo. (SILVA, 2009, p. 184)

Além da linguagem coloquial presente nas obras, que é uma linguagem informal que usamos no cotidiano e que prende a atenção das crianças, as temáticas de suas narrativas direcionadas ao público infantil atendem ao eixo da individualidade e da coletividade, a autora trabalha com histórias que englobam as vivências e o contexto da criança, então suas narrativas sempre retratam acontecimentos que as crianças se identificam, ajudando-as a construir sua personalidade e identidade.

Outro fator importante sobre as narrativas de Ruth Rocha, é que a autora utiliza de dois elementos marcantes e que sempre estão presentes em suas obras, o humor e a crítica, seus textos são sempre bem humorados e cheios de vida, e cada história escrita traz consigo componentes que tornam a criança uma pessoa mais crítica, abrindo sua visão, fazendo-as questionarem sobre o mundo a sua volta e a si mesmo, e instruem os adultos a entenderem com um olhar mais sensibilizado, o que as crianças estão querendo dizer.

Um ponto que sempre me chamou atenção nas obras da autora desde pequena, mas que agora pude ter um olhar de forma mais cautelosa são as ilustrações presentes nos livros. Os livros em si fisicamente já são maiores do que os livros comuns, e as imagens possuem uma enorme riqueza de detalhes e cores.

As ilustrações são fundamentais nas obras de literatura infantil, pois atuam como componente enriquecedor nos livros. O aspecto visual atrai as crianças por suas cores e belezas que ajudam a transmitir a história, por conta disso é

relevante que o educador instigue as crianças a observarem as imagens, esse estímulo é fundamental na formação de leitores de imagens desde pequenos.

Para Schérer (2009), a cor não se reduz a uma simples impressão visual, mas afeta todos os sentidos. A criança reveste a cor, aspira, respira, absorve, a cor é um espetáculo, uma paisagem, mas uma paisagem que a criança habita e com qual se mistura.

Em função disso a cor é uma maneira de chamar atenção das crianças, principalmente as crianças pequenas, e todas as obras de Ruth Rocha cumprem essa função, pois os livros são extremamente coloridos e convidativos aos leitores.

O passeio pelos textos literários de Ruth Rocha me possibilitou a descoberta de elementos que antes passavam despercebidos, com a leitura de suas obras pude compreender diversos fatores que permeiam a literatura infantil, como a importância das cores, a linguagem, os desenhos, e os assuntos tratados nos livros, que tudo isso influencia no desenvolvimento da criança.

Os livros são enriquecedores e uma forma de abordar diversos assuntos com as crianças, nas obras de Ruth Rocha existe uma variedade de assuntos que podem ser tratados de forma lúdica e divertida, inserindo as crianças no mundo letrado e ajudando elas a superarem seus conflitos e os estimulando na formação de sujeitos que encontrem afeição pelas obras literárias.

Mas... Não é só de leituras literárias que se constitui um trabalho de conclusão de curso! Aventurei-me por outros caminhos...

CAPÍTULO 5 - OUTRO PASSEIO: CAMINHANDO POR ENTRE BASES DE DADOS

A maioria dos estudantes, quando inicia uma pesquisa em bases de dados, recorre ao *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), uma plataforma que reúne muitas das revistas científicas do mundo acadêmico. E comigo não foi diferente: pensando neste universo de Ruth Rocha, da literatura, abri a plataforma e iniciei outra aventura de leitura, desta vez não mais com os livros, mas buscando artigos científicos sobre esta autora. Haveria? O que eu estaria por encontrar?

Busquei, então, pela palavra-chave “Ruth Rocha” aplicado no campo “todos os itens”. E nada. Estranho... Digitei novamente, desta vez com letra minúscula. E, novamente... nada. Zero resultados. Nada de nada.

Mudei a palavra-chave para “literatura infantil”. Opa! Desta vez, 43 resultados. Mas como ler os quarenta e três artigos? Ora, “vamos lá, Adrielle, não são muitos”, pensei. E, um a um, procedi à leitura do resumo e das referências bibliográficas de cada um dos artigos. Encontrei um, em especial: o artigo se chama “Retratos da avó na Literatura Infantil Contemporânea de Ana Maria Machado e Ruth Rocha”.

O artigo traz a importância da literatura como transmissora de mensagens, reflexão e discussão das questões humanas, contribuindo para formação da identidade. Com isso Azevedo (2012), investiga duas obras de importantes autoras da literatura infantil brasileira, Ruth Rocha e Ana Maria Machado com enfoque nas personagens avós que aparecem em obras das duas autoras representando transmissoras de culturas e tradição social, fonte de heranças culturais, familiar e intelectual, contribuindo para o desenvolvimento intelectual de seus netos e para a formação de sua identidade.

Azevedo (2012) relatou somente a análise feita do livro *Atrás da porta* de Ruth Rocha. A obra dela foi escolhida pela representatividade em território nacional, com muitas gerações influenciadas por sua literatura e por abordar o tema principal que é avó.

Na obra de Ruth Rocha, as imagens caminham junto ao texto, fazendo uma união ao contar a história, a autora chama atenção para o fato de que a educação deveria ser realizada de forma prazerosa, partindo da curiosidade e interesse da criança, a avó na obra é representada como gerações anteriores, transmissora de

cultura e costumes, mostrando o encontro de gerações atuais com o passado, contribuindo para construção de identidade dos netos.

Desse modo, podemos perceber a importância da contação de histórias na transmissão de conhecimentos para as crianças e no desenvolvimento intelectual proporcionados por esse momento.

Quando terminei de ler o artigo, fiquei um tanto pensativa, tinha expectativa de encontrar diversos artigos a respeito da Ruth Rocha, sobre suas contribuições com a literatura, aliás, ela é uma autora que influenciou diversas gerações, tem mais de 200 publicações, livros traduzidos em outros idiomas e mesmo assim não encontrei artigos relacionados a ela, fiquei bastante desapontada.

Procurando outras publicações, encontrei algumas que citam a autora, em um artigo publicado pela *Associação Catarinense de bibliotecários (ACB)*, “O bibliotecário, a criança e a literatura infantil: algumas ponderações”. Escrito por Clarice Fortkamp Caldin.

A autora retrata que nos anos 80 e 90, a literatura sofre modificações passando a ser crítica e questionadora, as narrativas apresentam os conflitos vivenciados pelas crianças e o mundo ao seu redor, o lúdico foi valorizado e as ilustrações ganharam o mesmo espaço que as escrituras.

E autores contemporâneos como Ruth Rocha, mostram o livro de forma diferente para crianças, sem didatismo que sempre caracterizou a literatura infantil. De forma lúdica a autora em suas narrativas apresenta problemas que acontecem no cotidiano infantil.

Outra publicação encontrada foi “As histórias de Reis e o questionamento ideológico de Ruth Rocha”. Escrita por Rosa Maria Cuba Riche, artigo publicado pela revista de periódicos *Perspectiva* da Universidade Federal de Santa Catarina.

A autora da publicação analisa as obras de Ruth Rocha com enfoque em reis, que representa o poder. A partir da análise de três livros, ela observa que os reinos criados por Ruth são muito semelhantes aos problemas vivenciados pelas crianças, o mundo das histórias, é parecido com o mundo da criança e a mesma se identifica nas semelhanças. Ruth usa provérbios em sua narrativa possibilitando o contato entre a criança com a tradição oral muitas vezes distante do seu mundo.

As soluções propostas podem, muitas vezes, parecer inverossímeis mas, dentro da história, são coerentes. Se o povo pequeno consegue

encontrar saída para seus problemas. a criança. ao ser devolvida à realidade após um mergulho no maravilhoso. se sentirá estimulada a descobrir suas próprias soluções. Não há lutas ou demonstrações de força. a sabedoria é a grande vencedora no confronto entre fortes e fracos. (RICHE, 1985, p. 117).

Ruth acredita que a criança é um ser inteligente que é capaz de emitir opiniões, colocando em suas narrativas problemas que são possíveis de acontecer na esfera real, permitindo que a criança relacione com seu mundo. Utilizando a fantasia como um instrumento, dessa forma a criança é capaz de conversar sobre os problemas reais e entenderá melhor por meio da fantasia.

Apesar de ter encontrado poucos artigos neste momento, penso que ao refazer a busca, repensar nas palavras-chaves, procurar outras bases de dados, contatar bibliotecários, desenterrar anais de congressos, provavelmente encontraria mais material. Mas algo ressoa em minha mente... Algo que quer se mostrar... Algo que necessito ver para além das leituras feitas até o momento...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração da presente pesquisa teve como finalidade investigar as contribuições acerca da literatura infantil na vida da criança, já nos primeiros anos de vida, no contexto escolar. Com isso foi possível verificar o processo da literatura até atingir o público infantil, situando o lugar da criança na sociedade atual, e as inúmeras vantagens que uma criança adquire no seu desenvolvimento quando é exposta a um ambiente letrado que as permitem ouvir histórias.

Vale evidenciar o papel importantíssimo do professor, como mediador nesse processo, sendo exemplo de um modelo de leitor para seus alunos, e que estimule os mesmo e apresente uma diversidade de livros para seus educandos, buscando sempre o conhecimento e a reflexão sobre a importância dos textos literários inseridos na vida da criança desde a mais tenra idade.

Buscando atender meus anseios, foi realizada uma pesquisa em torno da vida e obras de Ruth Rocha, para melhor compreender a vida dessa renomada autora de obras infantis, que se fez presente minha vida, influenciando minha formação como leitora, e continua influenciando gerações e gerações de crianças das mais variadas idades que ouvem suas histórias com entusiasmo. À vista disso, podemos refletir sobre o sucesso da autora e quais são os pontos primordiais que encantam as crianças através de suas narrativas literárias, com base no desenvolvimento do trabalho as crianças se encantam pela linguagem utilizada, uma linguagem coloquial, uma linguagem que usamos no nosso cotidiano, de fácil entendimento e presente na vida das crianças que gera uma aproximação entre o narrador e ouvinte e outro ponto importante destacar é que Ruth aborda temas relacionados ao cotidiano das crianças, que descrevem situações vivenciadas pelo universo infantil diariamente, dado isso a criança se identifica com as situações e é incentivada a ter um olhar crítico sobre como agir visando uma postura de mudança diante de determinadas ações, ajudando-as de maneira lúdica a construir sua identidade e personalidade. Tudo isso usando sempre o humor e os desenhos chamativos.

Na obra de Ruth Rocha *O menino que aprendeu a ver*, nos mostra outra maneira de ler, de um modo renovado, sempre aprendendo coisas novas a partir das nossas experiências vividas e informações adquiridas desde pequenos e cada vez

dizendo algo diferente constituindo assim nossa formação humana; mudando nossos pensamentos, adquirindo informações e ampliando nossa leitura do mundo, ler para além das “possibilidades pedagógicas” voltadas a escola, e percebendo que a matéria literária que contém nos livros e que “não se pega”, é algo mais profundo, mais íntimo, “se sente com o corpo, com a alma”, influenciando diretamente em nossa formação desde quando nascemos até nossa vida adulta.

Com o propósito de aprofundar os conhecimentos em torno das obras e contribuições da literatura de Ruth Rocha, iniciei também um passeio pela base de dados na SciELO, onde pude constatar a escassez de artigos relacionados à literatura e contribuições dessa autora, tão nossa conhecida.

Por fim, podemos concluir que a literatura infantil é um instrumento relevante no processo de desenvolvimento de sujeitos na educação infantil, possibilitando crescimento intelectual, ajudando a superar seus conflitos e construir sua identidade, estimulando a pensar em novas possibilidades e ampliando seu vocabulário. Portanto, é necessária uma reflexão por parte dos educadores sobre essa importância, do que os livros trazem e saber trabalhar com materiais relevantes para esse desenvolvimento, além do estímulo frequente na sala de aula.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 4.ed. São Paulo: Scipione, 1989.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

AZEVEDO, Tâmara; RABINOVICH, Elaine Pedreira. **Retratos da avó na literatura infantil contemporânea de Ana Maria Machado e Ruth Rocha**. Psicol. USP, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 211-231, mar. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642012000100011&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 28 jun. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB n. 5, de 17 de dezembro de 2009. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 18 dez. 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf

CALDIN, Clarice Fortkamp. **O bibliotecário, a criança e a literatura infantil: algumas ponderações**. Revista ACB, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 111-128, ago. 2005. ISSN 1414-0594. Disponível em: < <https://revista.acb.org.br/racb/article/view/362> >. Acesso em: 28 jun. 2018.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e Prática**. São Paulo: Ática, 1987.

DANTAS, Audálio. **A infância de Ruth Rocha**. 2 ed. São Paulo: Callis Ed, 2012.
FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1986.

FILHO, José Nicolau Gregorin. Concepção de Infância e Literatura Infantil. Revista Usp. N 22, p. 107-112, dez 2009. Disponível em: < file:///C:/Users/Adrieli/Downloads/37329-Texto%20do%20artigo-43865-1-10-20120809%20(2).pdf > Acesso em: 19 jun. 2018.

FREIBERGER, Rita de Cássia Castiglia. **A literatura infantil como aliada ao desenvolvimento da pedagogia de projetos interdisciplinares**. 2010. 49 f. Trabalho de Conclusão do Curso graduação em pedagogia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em:<<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71907/000880276.pdf?seque>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias**. 6. Ed. São Paulo: Ática, 2009.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva 2002.

MOMBERGER- DELORY, Christine. **Fundamentos epistemológicos da pesquisa: biográfica em educação**. *Educ. rev.* [online]. 2011, vol.27, n.1, pp.333-346. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982011000100015&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 15 maio. 2018.

OLIVEIRA, Z . M. R. **Educação infantil: muitos olhares**. São Paulo: Cortez, 2010.

RICHE, Rosa Maria Cuba. **As histórias de reis e o questionamento Ideológico de Ruth Rocha**. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 2, n. 4, p. 113-118, jan. 1985. ISSN 2175-795X. Disponível em:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10119>>. Acesso em: 28 jun. 2018.

ROCHA, Ruth. **A árvore do Beto**. Rio de Janeiro: Salamandra, 2010.

_____. **Atrás da porta**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1997.

_____. **Bom dia, todas as cores**. São Paulo: Quinteto Editorial, 1998.

_____. **Marcelo, Marmelo, Martelo**. Rio de Janeiro: Salamandra, 2011.

_____. **Meu amigo dinossauro**. São Paulo: Melhoramentos, 2015.

_____. **No caminho de Alvinho tinha uma pedra**. São Paulo: FTD, 1994.

_____. **Nosso amigo ventinho**. Rio de Janeiro: Salamandra, 2009.

_____. **O coelhinho que não era de páscoa**. São Paulo: Ática, 1999.

_____. **O menino que aprendeu a ver**. São Paulo: Quinteto Editorial, 1998.

_____. **Palavras, muitas palavras**. São Paulo: Quinteto Editorial, 1998.

_____. **Pedrinho Pintor**. Rio de Janeiro: Salamandra, 2009.

_____. **Quem tem medo de dizer não?**. Rio de Janeiro: Salamandra, 2012.

_____. **Quem tem medo de quê?**. Rio de Janeiro: Salamandra, 2003.

_____. **Quem tem medo do ridículo**. São Paulo: Editora Moderna, 2012.

_____. **Romeu e Julieta**. São Paulo: Ática, 1994.

_____. **Uma história com Mil Macacos**. Rio de Janeiro: Salamandra, 2009.

SCHÉRER, René. **Infantis: Charles Fourier e a infância para além das crianças** / tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SILVA, Ana Araújo. **Literatura para Bebês**. Pátio, São Paulo, n.25, p. 57-59, Fev/Abr.2003.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura Infantil Brasileira**: um guia para professores e promotores de leitura. 2. ed. Ver. Goiânia: Cênone Editorial, 2009.

SISTO, Celso. **A arte de contar histórias e sua importância no desenvolvimento infantil**. Disponível em: <<http://www.artistasgauchos.com.br/celso/ensaios/artecontarhist.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2018.

TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias**. 2. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1961. VILLARDI, Raquel. Ensinando a gostar de ler: formando leitores para a vida inteira. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.

VYGOSTKY, Lev. A imaginação e a Arte na Infância/ tradução Miguel Serras Pereira. Relógio D' Água Editores, 2009.

Aluna: Adrielle Geraldini dos Santos

Orientadora: Profa. Dra. Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo

Co- Orientadora: Profa. Dra. Carolina Gonçalves Souza

Rio Claro,
2018